

**Gerda Haßler (Potsdam)**

## **Dois *Antídotos da língua* no Século XVIII**

Na discussão sobre a língua portuguesa na primeira metade do século XVIII encontra-se pelo menos duas vezes um termo médico curioso: o *antídoto*. Já em 1710 José de Macero (1667-1717) publicara, sob o pseudónimo de Antonio de Mello da Fonseca, um livro denominado *Antidoto da Lingua Portuguesa*. Em 1750 o escritor português Manuel José de Paiva publicou um *Antidoto grāmatical. Balsamo Preservativo da corrupção da lingua Latina, ou curioso descubrimento dos principaes erros, barbaridades, e incoherencias do novo Methodo para aprender a dita Lingua*. Com o reinado de João V começa a época do bom gosto nas artes e ciências em Portugal. A mudança que se vive aplica-se a certas áreas do saber, entre outras a gramática latina. O que ambos os autores entendem por *antídoto* é muito diferente. Tentaremos dar uma explicação sobre os objectivos dos escritores e situá-los nos seus contextos ideológicos. A reflexão sobre a linguagem é mais intensa numa época de mudanças profundas na própria língua. Além disso, os temas metalinguísticos estavam na ordem do dia da discussão europeia. Para esta discussão contribuíram sobretudo as relações entre problemas filosóficos e dimensões linguísticas do aprofundamento e da difusão do saber humano.

### **1. A purgação da língua**

Uma obra de 1710, que hoje está praticamente esquecida, dá-nos uma descrição da língua portuguesa e faz uma comparação com a língua espanhola, utilizando exclusivamente metáforas corporais e médicas. O *Antidoto da Lingua Portuguesa* de Antonio de Mello da Fonseca foi publicado por Miguel Diaz, provavelmente graças às relações existentes entre o autor e os judeus ibéricos imigrados. O autor é conhecido sob o nome de José de Macero, nasceu a 22 de Dezembro 1667 e morreu a 28 de Julho de 1717.

O antídoto que propõe não se dirige contra um método inadequado de ensinar, mas contra os erros na própria língua portuguesa. A argumentação não é complicada e resume-se em algumas linhas do prólogo ao leitor:

Eu nunca me descontentei tanto da nossa Língua, como se descontentaõ muitos grammaticos, que affirmaõ temerariamente, que ella he muito peor que a Castellana, sendo tal a ignorancia, de que nelles procede esta affirmacão, que o mais que dizem, se saõ examinados os fundamentos della, he sò, que a grande frequencia, com que usamos do ditongo *aõ*, faz a nossa lingua mui tosca e mui grosseira. Isto confesso, que nunca nella me pareceu bem; mas nem basta, para que eu julgue inferior a alguma das vulgares, nem cuido, como o cuidaõ geralmente todos os Portugueses, que he irremediavel este defeito; e por isso me resolvi a declarar aqui, qual me parece, que pode ser o remedio delle (Fonseca 1710: [1], Prólogo).

As qualidades excepcionais da língua espanhola terão sido enfatizadas de forma meritória, porém a Língua Portuguesa não era menos rica. Havia apenas um elemento fonético, nomeadamente o ditongo *aõ*, que conferia a esta última um aspecto exterior mais rude e grosseiro. Seria, portanto, fácil destituir a língua desta sua rudeza, eliminando-se simplesmente o referido ditongo. Independentemente disso, uma comparação entre o Castelhana e o Português apenas realçaria as mesmas vantagens e qualidades de ambas as línguas, podendo daí mesmo resultar a preferência pela portuguesa.

Os caminhos para um embelezamento fonético da língua portuguesa propostos por Fonseca são muito simples, e ele está convicto do seu sucesso. Também não se dissera antigamente *Romaons* e *Castellaons* em vez de *Romanos* e *Castellanos*, e não era esta mudança que o tempo trouxe um motivo de alegria? Caberia agora apenas generalizar e alargar essa mudança, para que se substituísse o ditongo incômodo por uma sílaba mais agradável (Fonseca 1710: [3], Prólogo). Uma língua tão pura, suave e elegante como a portuguesa deveria estar apta para se libertar do vício representado pelo ditongo *aõ*. Esta limpeza elevaria a língua portuguesa acima de todas as outras línguas dos outros povos:

[...] a causa principal, porque me he odioso este ditongo *aõ*, e dezejo que por nòs o uso delle seja exterminado, he a dura e notavel incongruencia, com que por elle temos taõ viciada, e taõ iniquamente offendida huma Língua taõ pura, taõ suave, e taõ elegante como he a nossa, a qual sempre me pareceu, e a outros juizos melhores que o meu, muito melhor que todas as vulgares (Fonseca 1710: [3], Prólogo).

Afinal o uso do ditongo *aõ* não era mais do que uma moda comparável ao uso de chapéus grandes e à construção de ruas estreitas nas cidades. Era fácil chegar à convicção de que uma outra moda seria muito mais agradável e natural. O rei de Portugal teria de ordenar um

novo uso da língua e vigiar o seu devido cumprimento pela lei, nas escolas e nas tipografias.

## **2. O enriquecimento da língua portuguesa**

A primeira parte da obra de Fonseca é dedicada à ilustração da língua portuguesa, para a qual contribuíram muito as palavras adquiridas do Latim. Ele opõe-se claramente aos Puristas que acusam a língua portuguesa de ter adoptado palavras do Latim recente e não exclusivamente do Latim clássico:

He a primeira dissertação sobre a bondade egreja da nossa Lingua, e sobre a grande utilidade, que ella tem recebido das palavras Latinas ja nella introduzidas, e consequentemente recebe da introdução continuada de outras, que do Latim recente e justamente usurpamos para a enriquecer e ornar. Se eu soubesse com a clareza e elegancia dignas da gravidade deste importante assumpto, enuclear e enodar as difficuldades, dilucidar e propulsar os errores, e dissipar os damnos todos das varias controversias, que o fazem na opinaõ vulgar vastamente intricado: inteira e facilmente poderia emendar a miseravel imprudencia daquelles, que não so incon-sulta, mas abjectissimamente temem, que asperamente lhes seja vitupe-rada a culpa enorme e grave (como elles imaginaõ) de usar na nossa Lingua de algum vocabulo ainda nella não posto em uso; como se offendessem com aquillo mesmo, com que a illustrariaõ, se generosamente vencessem taõ insipida timidez; e como se não fosse mais generosa e mais amavel a paciencia exercitada no incommodo de ser por isto reprehendidos injusta e muito reprehensivelmente, do que a felicidade falsa e ridicula de carecer deste genero de reprehensoens (Fonseca 1710: 4).

As propostas dos Puristas afiguram-se ainda mais ridículas, quando na França já se havia travado, sem qualquer sucesso, uma luta semelhante contra os vícios da língua:

Sobre a reformação da loquela tambem sabemos por alguns libros modernamente impressos, que sem a minima utilidade se tem trabalhado grandemente nas academias de Paris, procurando-se a extincção ou emenda de alguns vocabulos da Lingua Francesa. E nisto se vê tambem, que os pensamentos e dezejos de dar algum remedio a os vicios de huma Lingua, não devem parecer taõ ridiculos, como parece, que o deveriaõ ser, se fossem somente meus (Fonseca 1710: 108).

Além disso, as palavras do Latim são ainda mais fáceis de integrar no Português do que no Espanhol. Segundo Fonseca, esta proximidade com o Latim representa uma grande vantagem da língua portuguesa. Tal como muitas palavras mantiveram a sua forma latina original, o Latim continua a constituir uma fonte importante para o actual enriquecimento do vocabulário português:

Alem disto da grande afinidade; que a nossa Lingua tem com a Latina; tiramos outra felicidade notavel, que nenhuma nação estranha logra, nem pode lograr tão facil, nem tão naturalmente, como nos a logramos. Esta felicidade consiste na confiança familiar, com que tambem cada dia tomamos novamente do Latim sobre as palavras Latinas, que já temos, as que queremos, e usamos dellas, como se fossem nossas, todas as vezes, que ou não achamos outras vulgares ou as vulgares, que achamos, nos não parecem tão proprias, ou tão convenientes, para explicar com igual elegancia ou clareza o que queremos, que os ouvintes percebaõ (Fonseca 1710: 21).

Para uma língua se tornar perfeita, ela necessita de muita riqueza, multiplicidade formal e ornamentos. Fonseca dedica a segunda parte do seu *Antídoto* a essa mesma riqueza que, passados apenas poucos anos, será considerada como excessiva e desnecessária na maioria das culturas européias:

He a segunda dissertação sobre a grande variedade dos ornamentos, concinnidades, e excellencias, que deve ter uma Lingua, para que rectamente lhe possamos chamar perfeita. Nesta abundantemente formosa, generosa, e deliciosa, posto que ardua escabrosa, e quasi incomprehensivel materia, me parece, que disse algumas cousas não dittas antes; as quaes não posso considerar indignas de ser attenta e maduramente consideradas; porque imagino, que se o fossem, não seria impossivel, que disso resultasse em alguma, e depois em diversas linguas, a introducção de varias conveniencias (Fonseca 1710: 5).

Na terceira parte da sua obra, Fonseca pretende provar como a Língua de Camões correspondia já a todos os requisitos da perfeição. Ele alude aos pareceres dos Gramáticos que até então escreveram sobre a língua portuguesa<sup>1</sup> e adopta aqueles mesmos critérios, segundo os quais já há muitos séculos se emitiam pareceres sobre a qualidade de uma língua: a riqueza de palavras, uma pronúncia agradável, clareza e precisão de expressão:

Ali veraõ com gosto e facilidade, que nas cinco melhores propiedades, ou qualidades, que deve ter huma Lingua para ser perfeita, não deve ser posposta a alguma das vulgares a nossa Portugueza; porque nenhuma he mais copiosa de palavras, nenhuma tem maior, nem igual facilidade na sua pronunciação, nenhuma pode explicar com maior brevidade, e menos circumloquios a grande variedade dos pensamentos e juizos humanos, nenhuma he mais apta para os estilos todos, e finalmente em nenhuma concorda tanto com a escriptura a pronunciação (Fonseca 1710: 6).

---

1 «Ali veraõ, que Joaõ de Barros, e o Padre Frei Bernardo de Britto, e outros autores nossos gravissimos, cujo juizo se deve venerar grandemente, tiveraõ por melhor a nossa lingua, que a Castelhana, sendo a castelhana tida universalmente por melhor que todas as de Europa» (Fonseca 1710: 6).

Fonseca limita-se a uma comparação do Português com o Castelhano, sem se preocupar com outras línguas. Ele justifica este procedimento com o facto de que já tanto tenha sido escrito sobre a excelência da língua espanhola, que a prova de que o Português não lhe é inferior constitui prova suficiente (Fonseca 1710: 8-10).

No particular, Fonseca introduz sobretudo comparações fonéticas. A língua espanhola será menos bela devido à sua terminação consonântica em *d* em muitas palavras, extremamente difícil de pronunciar (*verdad, falsedad, magestad, dignidad*). No seu lugar, a forma do Imperativo no Português colocara um som vocálico muito mais suave e agradável (*correí, fazei, cantai, saltai, estimai*), e menos chocante do que a forma do espanhol (*corred, hazed, cantad, faltad, estimad*). Além disso, no Espanhol havia muitas palavras que terminavam em *n* como, por exemplo *pan, capitan, ladron*, o que dava à língua um carácter pesado. Quando no Português, em lugar disso, se encontrava com frequência o horrível ditongo *aõ* no final das palavras, sempre havia a alternativa proposta por Fonseca, o antídoto (Fonseca 1710: 9).

O Português era também muito mais elegante, uma vez que não mudara a vogal nas palavras *porta, ovo, novo*, enquanto o Espanhol a substituíra por um ditongo (*puerta, huevo, nuevo*), afastando-o, assim, do Latim e conferindo-lhe novamente um carácter pesado:

Naquella differença; que he huma das principaes, em que a sua Lingua se distingue da nossa, dizendo *puerta, puerto, huevo, nuevo, tuerto, muerte, fuerte, fuente, puente, fuego, cuerpo, cuervo, fuera*, & onde a nossa mais elegante, mais facilmente, e mais propinqua ao Latim, diz, *porta, porto, ovo, novo, torto, morte, forte, sorte, fonte, ponte, fogo, corpo, corvo, fora*, &. bem vemos, que lhe excede notavelmente a nossa, e que he mui grande o numero das palavras, que mostraõ este excesso (Fonseca 1710: 9).

Segundo Fonseca, existem muitas deficiências fonéticas na língua espanhola, enquanto o Português é mais latinizado e, como tal, muito mais belo. A vogal *i* será completamente desnecessária em palavras como, por exemplo, *merienda, cierto, ciervo, ciego, siempre, vientre, ciento, miedo, tiempo, viento, tierra, fiera, miel, diente, impedimiento*, as quais se encontram igualmente no Português, porém numa forma mais simples e clara, sem a desnecessária (*ociosissima*) vogal.

As características fonológicas da língua portuguesa permitem uma maior analogia das palavras, enquanto o espanhol esconde frequentemente na sua forma as relações de parentesco existentes entre as pala-

vras: *puerta* e *portero*, *fuerte* e *fortaleza*, *muerte* e *mortaja*, *duele* e *dolor*:

Alem disto a errada analogia de dizer *puerta* e *portero*, *fuerte* e *fortaleza*, *fuerça* e *forçoso*, *muerte* e *mortaja*, *duele* e *dolor*; *cuento* e *contar*, *suelto* e *soltar*, *duerme* e *dormia*, *puede* e *podia*, *muerde* e *mordia*, *quiere* e *queria*, *tiene* e *tenia*, *viene* e *venia*, *tiembla* e *temblava*, *suen* e *sonava*, *hazer* e *satisfazer*, *dicho* e *maldito*, e mil outras cousas, como estas, he vicio entre os Castelhanos frequentissimo, e entre nòs rarissimo (Fonseca 1710: 9).

### 3. A língua — intérprete do entendimento

A beleza dos sons e a analogia de elementos morfológicos constituem critérios importantes na comparação linguística. Estes mesmos critérios conservam a sua validade até às grandes aglomerações de línguas no final do século XVIII. Já no Antídoto de Fonseca existe, no entanto, um outro critério importante: a concretização da função da língua, a de expressar o pensamento humano. É aqui que reside a verdadeira e única missão de uma língua, e a perfeição de cada língua isolada mede-se pela clareza, a elegância e a naturalidade desta sua capacidade de expressão:

Digo pois em primeiro lugar, que o verdadeiro e unico officio de qualquer Lingua, he como disse Cicero, ser interprete do entendimento; e que por isso aquella, que mais clara, mais elegante, e mais naturalmente souber fazer este officio, será sem controversia a mais formosa, e a mais digna de estimação, pois he bem certo e claro, que nenhum requissito pode ter hum interprete; e nenhuma excellencia mais necessaria, nem mais excellente, que a de saber explicar com clareza, elegancia, e naturalidade dignas de grande applauso, a cousa interpretada (Fonseca 1710: 11).

Naturalmente, a expressão do pensamento depende do uso que as pessoas fazem das línguas, mas quando os próprios instrumentos não são bons e adequados também o seu uso não tem hipótese de ser bom.

O aperfeiçoamento da língua portuguesa, que carece simultaneamente de enriquecimento e de limpeza, pode levar a conflitos entre a analogia, a norma e a eufonia. Neste contexto, Fonseca opõe-se aos Puristas, os quais rejeitam as palavras *levidade* e *levidão*, porque as mesmas não se encontram em textos de grandes autores portugueses. Será fácil de adivinhar a preferência de Fonseca relativamente à palavra *levidade*, no entanto juntam-se aqui às suas já referidas preferências fonológicas mais duas outras razões: o ablativo do Latim *Levitate*

e a analogia com palavras portuguesas formadas através do mesmo modelo como, por exemplo, *gravidade*, *humanidade*, e *temeridade*. Não havendo meio algum à introdução do neologismo *levidade*, Fonseca estaria mesmo disposto a aceitar a palavra mais inculta e mais rústica *levidão*. Sempre seria preferível à aceitação resignada de uma lacuna no vocabulário que impedisse a expressão correcta da respectiva ideia:

Em huma controversia mui altercada ouvi eu já, que em Portuguez nem se pode dizer levidade, nem levidaõ, porque nenhuma destas palavras foi athe agora usada de algum escritor nosso. A minha opiniaõ sobre isto he, que devemos dizer levidade, porque os Latinos no ablativo dizem Levitate, e porque os imitamos deste modo, dizendo gravidade, e humanidade, e temeridade, &c. e porque sempre he licita, se he necessaria, ou util, e he muito mais amavel, que a falta de palavras, a introduçaõ dellas, e porque he taõ urgente a necessidade, que muitas vezes temos de as introduzir, que contra ella nem pode haver ley justa, nem, que não seja muito menos forçosa. Mas se não fosse licito dizer levidade, muito melhor seria levidaõ, e ainda outra palavra mais inculta e mais rustica, do que não declarar por palavra alguma aquilo, que por essa inculta e rustica pode ser declarado. Não fallo agora na obstinaçaõ ridicula dos que diziaõ, que levidaõ por ser palavra acabada em aõ, he mais propria da nossa Lingua, que levidade; porque não serão poucos neste Livro os Capitulos, em que declarei sufficientemente o que sinto sobre esta e outras semelhantes fatuidades (Fonseca 1710: 13).

A primazia é aqui, portanto, dada à capacidade de expressão relativamente à beleza fonética e à elegância morfológica. Fonseca chama a essa capacidade de expressão a beleza interior das línguas (*interior formosura das linguas*) e contrapõe-na à beleza exterior. Ao fazê-lo recorre a mais uma comparação concreta com o mundo corpóreo: a beleza exterior é como as folhas de uma árvore, enquanto a relação entre as ideias e as formas de expressão é comparável aos frutos:

Esta interior formosura das linguas he tanto mais formosa que a exterior, quanto nas arvores são mais formosos os fructos, do que as folhas; mas assim como nas arvores não deixa de ser agradável a formosura das folhas, ainda que dellas se não possa tirar a utilidade, que se tira dos fructos: tambem nas linguas não deixa de ser agradável a formosura externa apparente das palavras, ainda que nessa apparencia não consista o verdadeiro fructo, que dellas dezejamos tirar; o qual consiste so na formosura interior dellas; e essas queremos que se entenda (Fonseca 1710: 13).

#### 4. Um termo médico na gramática

A razão pela qual me detive tão demoradamente na análise do Antídoto de Fonseca deve-se ao facto de este texto poder ser considerado como representativo de várias tendências. Nele se retoma a discussão francesa sobre a pureza da língua, sem, no entanto, conduzir às mesmas consequências puristas. Segundo Fonseca, a pureza e a beleza da língua deveriam antes estar ligadas a um realismo linguístico.

Desde o século XVIII encontra-se em vários livros ou manuais de estudo do Francês em países europeus uma apologia da língua francesa e a ênfase do seu carácter universal. Este período que marca o nascimento da ideia de universalidade tanto na França como em outros países europeus coincide com o aparecimento de várias obras sob o título de *Le génie de la langue française*, colectânia de observações pelos Observadores (*remarqueurs*) sobre a língua francesa, apresentadas sob forma sistemática.<sup>2</sup> Ainda no século XVIII não é posto em causa o papel universal do Francês, mas os argumentos à sua fundamentação são extraídos de diferentes contextos e relações. Se antes as observações relativas ao carácter excepcional da língua francesa formavam uma base descritiva sobre a qual se afirmava a universalidade do Francês, é agora o enquadramento conceptual desta discussão que se torna mais vasto e diversificado. Embora nos debates sobre questões linguísticas continuem incontornáveis as antigas, ainda válidas categorias renascentistas como a harmonia, a elegância, a riqueza e a força, novos argumentos lhes são agora acrescentados.

O discurso sobre o carácter excepcional, o génio de uma língua contém críticas avaliadoras do carácter dos povos que a falam. Foi assim que, por exemplo, o Marquês d'Argens, residente na corte de Frederico II, escreveu de forma pouco lisonjeira sobre o carácter dos alemães:

---

2 Cf. «Mais ce qui fait de la peine à ceux qui étudient la pureté et la netteté de nôtre langue, c'est que ces Auteurs n'ont observé aucun ordre dans leurs Remarques ou Observations. Monsieur Vaugelas l'avoue lui-même dans la préface. [...] l'Auteur de ce nouveau Livre a crû qu'il obligerait le public, s'il formoit un dessein dont la méthode pût rendre l'étude des Remarques plus facile, & mettre en leur jour plusieurs Decisions qui paroissent obscures, parcequ'elles sont séparées les unes des autres, quoyqu'elles ayent un rapport & une dépendance naturelle» (d'Aisy 1685, préface).



Le génie généralement peu vif des allemands, et leur langue plus propre à écrire des ouvrages de science et de morale, que des pièces d'éloquence et de poésie, ont semblé former un obstacle au grand nombre de poètes et d'orateurs parmi eux (d'Argens 1755: 329).

Já Condillac havia verificado a existência de uma estreita ligação entre o carácter excepcional de uma língua e o carácter do povo:

[...] il est naturel que nous nous accoutumions à *lier nos idées conformément au génie de la langue* dans laquelle nous sommes élevés, et que nous acquérions de la justesse, à proportion qu'elle en a elle-même davantage. («Essai sur l'origine des connaissances humaines» 1746, partie 2, section 1, chapitre 12. Condillac 1947: 94).

Uma vez que uma língua não podia ter todas as vantagens, era, segundo o conceito de Condillac, preferível que uma língua tivesse de todas as vantagens uma medida razoável.<sup>3</sup>

A preferência por termos medicinais nas discussões sobre as particularidades excepcionais de uma língua é igualmente documentável na Alemanha. Citemos aqui o exemplo de André-Pierre le Guay de Prémontval, residente em Berlim, em querelas com o permanente Secretário da Academia e que apresentou o seu *Préservatif contre la corruption de la langue françoise*. É a este mesmo Prémontval que a Academia de Berlim deve a sua questão ou tema do concurso de 1759, a qual desafiava à reflexão sobre a influência mútua de língua e pensamento (*l'influence réciproque du langage sur les opinions & et des opinions sur le langage*).<sup>4</sup> O mesmo ainda se havia ocupado, juntamente com Merian, com a tradução do escrito galardoado de Johann David Michaelis, sugerindo simultaneamente ao autor um suplemento do seu texto, no qual retratasse o tema da universalidade de uma língua. Após esta abertura da discussão, a Academia viria a retomar a questão ainda por muitas vezes.

---

3 «[...] la plus parfaite seroit celle qui les réuniroit tous dans le degré qui leur permet de compâtir ensemble: car ce seroit sans doute un défaut qu'une langue excellât si fort dans un genre, qu'elle ne fût point propre pour les autres» (Condillac [1746] 1947: 102).

4 «Ce Recueil est un des meilleurs qu'ayent produit les Questions proposées jusqu'ici par l'Académie: & cela vient sans doute de ce que la Question est extrêmement intéressante. Comme elle avoit été fournie par M. de Prémontval, c'est par conséquent à ce savant Académicien que la République des Lettres doit tenir compte de l'Ouvrage dont elle est enrichie dans cette occasion» (Formey 1760: 224, Lettre du 2 octobre 1759).

Poderíamos questionar o porquê da escolha de Prémontval de tão estranho título para o seu trabalho. Ele próprio reage à censura, de que *Préservatif* fazia lembrar demasiadamente a medicina (Prémontval 1759-61: 16/17), apoiando-se referencialmente nos dicionários.<sup>5</sup>

Existe, porém, uma relação ainda mais marcada para com as edições da *Grammaire française sur un plan nouveau*, de Claude Buffier, que aparecem a partir de 1723 e às quais Prémontval faz referência, não lhes poupando elogios. Buffier acrescentara à sua gramática um texto com o título *Preservatifs contre les fausses règles énoncées en plusieurs Grammaires Françaises de ce tems* (Buffier 1723: 526/527), no qual critica as gramáticas de Chiflet, La Touche, Mauger e de Regnier, prometendo mesmo o *Préservatif* como sua própria gramática. O perigo de uma gramática apresentar regras erradas repercute-se especialmente na aprendizagem de uma língua estrangeira, cujas regras os estudantes não conseguem compreender ou corrigir a partir da língua falada:

Comme on n'est guère à portée dans les pays étrangers, de discerner les regles Fausses ou défectueuses des Grammaires Françaises qui y ont cours, j'ai cru qu'il étoit important d'en avertir, pour ne s'y pas laisser surprendre. En effet, sans cette précaution on se doneroit beaucoup de peine à former des habitudes vitieuses de parler, & sur tout de prononcer le François, qu'on auroit dans la suite encore plus de peine à quitter (Buffier 1723: 526).

Buffier não só chamou a atenção para o título de Prémontval, *Préservatifs*,<sup>6</sup> como ainda, através da crítica à formulação de regras em outras gramáticas, se tornou também ele num repcursor do uso de um termo médico numa obra portuguesa.

---

5 «On y verroit que le mot *Préservatif* se prend très bien au figuré, & s'applique aux choses morales. L'Académie, Furetiere, Richelet, en donnent des exemples. *Préservatif contre le changement de Religion*; c'est le Titre d'un Livre de M. Juvrion» (Prémontval 1759-61: 18).

6 «C'est donc le P. Buffier qui m'a fourni l'idée de mon Titre, *Préservatif contre la Corruption de la Langue Française* &c. A son imitation je donnerai des *Préservatifs* contre plusieurs de nos Grammaires modernes. Celle de M. Mauvillon, toute pleine de Fautes honteuses qui ne l'empêchent pas d'avoir grand cours en Allemagne, ne sera pas oubliée; non plus que ses *Remarques sur les Germanismes*, où il commet lui-même plus de Barbarismes qu'il n'en reprend: c'est chose de fait. Bien entendu que je promets aussi le *Préservatif de mon Préservatif*» (Prémontval 1759-61: 19).

## 5. Um antídoto contra os vícios da linguagem e das gramáticas

Em 1759 Manuel José de Paiva publicou um texto sob o título *Enfermidades da lingua*. Já anteriormente Paiva se havia voltado para as questões linguísticas, utilizando então o termo, possivelmente depois emprestado a Fonseca, *Antídoto*. Em 1750 surge o seu *Antídoto gramatical. Balsamo Preservativo da corrupção da lingua Latina, ou curioso descubrimento dos principaes erros, barbaridades, e incoherencias do novo Methodo para aprender a dita Lingua*. Paiva não pretende aqui, em primeira instância, propor meios contra a corrupção da língua latina. A sua grande intenção era modificar a descrição gramatical. A sugestão de um antídoto contra a decadência do Latim dirigia-se sobretudo contra um novo método de ensino de uma língua, sugerida pelo Oratoriano Manoel Monteiro (1749). A gramática de Monteiro tinha uma orientação racionalista e preocupava-se com a explicação das regras da gramática latina, no intuito de assim facilitar a aprendizagem da língua. Segundo a opinião de Paiva, as reflexões de Monteiro trouxeram algo à luz do dia, que ele denomina com uma metáfora novamente retirada da medicina: *o monstrozo parto do seu abortivo Methodo* (Paiva 1750, [1], *Carta nuncupatoria*). Paiva não reconhece a este método qualquer valor e classifica-o como obsoleto, inútil, enredado e difuso (Paiva 1750: 1). Um método tão perigoso ao uso da língua necessita de um antídoto, e é neste sentido de *Antídoto* que Paiva entende a sua obra.

Seria com certeza exagerado conceber este preservativo gramatical como uma simples aplicação do instrumento conceptual de Buffier à língua latina na situação cultural de Portugal no século XVIII. É difícil ainda estabelecer uma continuidade conceptual entre o *Antídoto* de Fonseca e o de Paiva. O Antídoto sugerido por Fonseca não se dirigira contra um método inadequado de ensinar ou descrever um língua, mas sim contra as deficiências da própria língua portuguesa. O objectivo de Paiva é, por seu turno, exercer uma crítica incisiva e destrutiva à gramática de Monteiro. Para tal ele desenvolve um discurso marcadamente metagramático e levanta antíteses contra o seu adversário:

1 Chama-se novo, e proveitoso este Metodo de aprender. Deve ler-se: Antiguo, e inutil Methodo de errar.

2 Chama-se compendio breve substancial, e claro Prologo §, Não he, ibi: Não he pequena difficultade ajudar a brevidade com a substancia, e clareza: lea-se he grande infelicidade encher tantos tomos com difuzaõ, casquilhas, e escuridade.

3 Persuade-se o Author que todos hão de dar credito só ao seu dito naõ o fundando em razaõ, nem em exemplo de Author Classico, com devia, porque os Grámaticos ou foraõ prototipo, ou são imitadores, dos juristas, que erubescunt loqui sine lege; blazonando no Prologo § . Bem pudera-mos ibi: Fique daqui advertido que os vimos lea-se Fique á fê dos Padri-nhos, que os vimos, e á do carvoeiro que naõ bastou velos porque: legere, & non intelligere est negligere (Paiva 1750: [1]).

Segundo Paiva, o procedimento de Monteiro é fundamentalmente errado, uma vez que ele queria designar apenas algumas regras do Latim e, através da explicação destas, causar o entendimento da língua. Assim pretendia evitar uma sobrecarga de regras racionais já por si difíceis de entender, tal como a enumeração de demasiadas excepções. A aprendizagem das excepções através do uso da língua deste modo visada tornaria, no entanto, o processo de aprendizagem do Latim muito mais longo:

Faltaõ nestes dous tomos (sendo dous, e comprehendendo a menor parte da Grammatica) faltaõ, digo, algumas regras, e muitas excepçoens. O Author que cahio neste erro cahindo tambem, em que nisto errava, o quiz emendar dizendo em muitos lugares, dos quaes alguns abaixo se citeraõ: *Com o uzo se aprenderiaõ*. Quanto às excepçoens podia perdoar-se ao Author o remeter-se ao uzo; mas faltando as regras geraes, como hão de sahir perfeitos Grammaticos em breve tempo os estudantes deste Methodo, se só com muito tempo se adquire o uzo? Emende o Author suprimindo o que falta, e naõ pertenda encobrir defeitos proprios com uzos alheys (Paiva 1750, 2/3).

Também Paiva é a favor da ausência de excepções durante as aulas elementares de iniciação. A forma de apresentação das regras gramaticais em Monteiro não permitia, porém, o reconhecimento das relações existentes e representava as excepções como sendo mais abrangentes do que na realidade o são.

Passemos aos Anomalos com os quaes naõ devia V Pat. confundir os entendimentos dos principiantes, que naõ saõ ainda capazes de tanta barafunda nas declinaçoens. Dirá que os estudarão depois de mais provectos. Pois se assim he para que fez hum Methodo de sorte que ha de estudar-se salteado? Vamos ao ponto. V. Pat. fez os Anomalos mais embaraçados do que elles saõ, e menos regrados do que deviaõ ser (Paiva 1750: 17).

Paiva afasta-se sobretudo da aceitação do uso da língua como instância capaz de apoiar a aprendizagem da mesma. Não era possível que, após a explicação de algumas das suas regras, os alunos fossem lançados ao uso prático da língua, o qual lhes deveria, então, ensinar tudo aquilo que ainda lhes permanecia desconhecido:

Dessa sorte, P. Manoel Monteiro, vou-me pelo mundo ensinar com novo Methodo todas as sciencias, e ha de ser elle, meter na cabeça aos discipulos duas regras de cada huma, e dar-lhes huma palmada na anca, dizendo: *Idevos embora; com o uzo aprendereis o mais*. Desorte que a Grammatica ensina-se aos que apenas tem razão, e quer V. Pat. que ja tenhaõ para tanto uzo? (Paiva 1750: 29).

Decididamente, Paiva é contra a dada novidade de Monteiro, a aprendizagem da língua latina tendo como ponto de partida o Português. Esta opposição está primariamente relacionada com a sequência da aprendizagem de formas conjugais coincidentes, como em última instância ainda exclui uma preparação da aprendizagem do Latim através da ocupação com o estudo gramatical da língua-mãe. É certo que este procedimento de Monteiro não tinha nada de novo, uma vez que também Nebrija escrevera a sua Gramática Castelhana para uma melhor aprendizagem do Latim. Paiva, porém rejeita fundamentalmente a reflexão racional sobre as regularidades não inteiramente compreensíveis da língua e a subsequente aplicação ao uso da mesma. Ele exige de princípio a totalidade da descrição gramatical, a qual dispensa qualquer pretensa explicação.

Na pag. 58 § *verbo Anomalo* diz V. Pat. que nas conjugações dos verbos poem em primeiro lugar o Portuguez, e depois o Latim, porque este modo he mais facil aos principiantes, aos quaes examinamos fazendo as perguntas na linguagem Portugueza, pare elles responderem na Latina. Confessamos ingenuamente a V. Pat. que não divizamos que seja menos facil estudar *Eu sou, ou estou sum* do que *Sum eu sou, ou estou* nem que aos principiantes devaõ fazer-se as perguntas pela ordem do que estudarão. De outra sorte não se lhe pergunte o genitivo de *Hora*, sem se lhe perguntar primeiro o nominativo & *sic de cæteris*. Diga pois V. Pat. que a razão de pôr a linguagem Portugueza primeiro, que a Latina, soy por querer que o seu Methodo parecesse novo (Paiva 1750: 36).

Após a formulação das suas objecções fundamentais, Paiva prossegue a sua crítica página a página, caindo frequentemente em repetições. A sua apresentação não é apenas incisiva no tom crítico que utiliza, como também minuciosa, tomando gradualmente uma estruturação pragmática e factual (páginas 90-95: Erratas por solecismo, que na segunda impressão não estão emendadas, Erratas por incoherencia, que ainda na segunda impressão vem sem emenda, Erratas por destampatorio, que ainda na segunda impressão correm sem emenda, Erratas da segunda impressão, que não se achaõ na primeira). No final das suas 117 páginas Paiva expressa-se contra uma nova edição da gramática de Monteiro através de uma sintaxe cujo intento era obviamente evitar.

## 6. Quadro geral da terminologia médica em gramáticas

O uso de terminologia médica em descrições de regras gramaticais parece estender-se por toda a Europa. Na Alemanha é adoptada por Simon Debonale, um professor de Francês em Hamburgo, o qual — à semelhança de Paiva — entende a sua nova gramática francesa como antídoto contra outras gramáticas (*Neue französische Grammatik für die Deutschen. Ein wahres Gegengift wider alle bisher herausgegebenen Grammatiken besonders wider die von H[errn] Meidinger*. Hamburgo 1797).

A consciência da perfeição de uma língua como, por exemplo, a latina ou, na sequência da discussão do século XVIII, a francesa, já não permite a invenção de meios contra as deficiências dessa mesma língua. Daí ser compreensível, que um *Antídoto* de Paiva não se destinasse a ser contra aspectos linguísticos isolados do Latim, mas sim contra o método da sua descrição.

## Bibliografia

- Aisy, Jean d' (1685): *Le Génie de la langue françoise*, Paris: L. d'Houry.
- Argens, Jean-Baptiste Boyer d' ([1738] 1755): *Lettres juives*, La Haye: P. Paupie.
- Ayres-Bennet, Wendy / Caron, Philippe (1996): *Les Remarques de l'Académie francaise sur le Quinte-Curce de Vaugelas. 1719-1720. Contribution à une histoire de la norme grammaticale et rhétorique en France*. Ouvrage publié avec le concours de la British Academy, du Centre national du Livre, de la Fondation Singer-Polignac, Paris: Presses de l'École Normale Supérieure rue d'Ulm.
- Bouhours, Dominique (1671): *Entretiens entre Ariste et Eugène*, Paris: S. Mabre-Cramoisy.
- Buffier, Claude (1723): *Grammaire françoise sur un plan nouveau, avec un Traité de la prononciation des e, & un Abrégé des règles de la Poésie Françoise*. Nouvelle édition. Revue, corrigée & augmentée des *Preservatifs contre les fausses règles énoncées en plusieurs Grammaires Françoises de ce temps*, Paris: Nicolas Le Clerc.
- Buffier, Claude (1971): *Cours des Sciences sur des principes nouveaux et simples pour former le langage, l'esprit et le coeur, dans l'usage ordinaire de la vie*. Par le Père Buffier de la Compagnie de Jesus, Suivi de Homère en Arbitrage, Genève: Slatkine Reprints.
- Condillac, Etienne Bonnot de (1947): *Œuvres philosophiques*, Ed. Georges Le Roy, Vol. 1, Paris: Presses Universitaires de France.

- Fonseca, Antonio de Mello da (1710): *Antidoto da Lingua Portuguesa*, oferecido ao muito Alto, e muito Poderoso Rey, Dom João o Quinto nosso Senhor, Amsterdam: Miguel Diaz.
- Formey, Samuel (1760): *Lettres sur l'état présent des sciences et des moeurs*, Vol. 2 (juillet-décembre 1759), Berlin: s.n.
- Monteiro, Manoel (1749): *Novo methodo para se aprender a grammatica latina*, ordenado para o uso das Escolas da Congregação do Oratorio na Casa de N. Senhora das Necessidades, oferecido a Elrey Nosso Senhor D. João V. Pelo padre Manoel Monteiro, da mesma Congregação, Lisboa: Francisco da Silva.
- Paiva, Manuel José de (1750): *Antidoto grāmical. Balsamo Preservativo da corrupção da lingua Latina, ou curioso descubrimento dos principaes erros, barbaridades, e incoherencias do novo Methodo para aprender a dita Lingua*, oferecido a seu mesmo Author por Silverio Silvestre Silveira da Silva, Mestre de Ler, Escrever, Arithmetica, e Grammatica no Lugar de Carnexide, &c., Valencia: Antonio Balle.
- Prémontval, André-Pierre le Guay de (1759-1761): *Préservatif contre la corruption de la Langue Françoisé, en France, & dans les Pays où elle est le plus en usage, tels que l'Allemagne, la Suisse, & l'Hollande: Ouvrage périodique utile aux Personnes de l'un et de l'autre Sexe; Contenant 1°. des Avis sur les Fautes qui se commettent tous les jours en parlant & en écrivant, & sur la quantité des mauvaises Habitudes que l'on contracte d'après des Modeles vicieux; 2° des Observations sur la Littérature, le Goût, le Style épistolaire & celui de la Conversation, les Regles de la Lecture tant soutenue que familiere. l'Art de faire un Récit, de dresser un Mémoire, une Relation &c., 3° enfin les Principes de cette Eloquence usuelle si agréable dans le commerce de la Société, avec les Moyens faciles de s'y former dans la jeunesse*, Berlin: s.n.
- Storost, Jürgen (1994): *Langue française — langue universelle? Die Diskussion über die Universalität des Französischen an der Berliner Akademie der Wissenschaften. Zum Geltungsanspruch des Deutschen und Französischen im 18. Jahrhundert*, Bonn: Romanistischer Verlag.
- Verdelho, Telmo dos Santos (1988): *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Dissertação de doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Aveiro, Aveiro: Universidade de Aveiro.